

## O momentâneo na ‘Formação’

Sérgio Alcides  
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: *Do título da clássica história literária publicada por Antonio Candido em 1959, tem sido bem explorada a significação da primeira palavra, “formação”. Pouca atenção se dá à expressão posta entre parênteses, “momentos decisivos”. Ela aparece também na História da literatura brasileira, de Sílvio Romero, que aponta como um “momento decisivo” precisamente a metade do século XVIII – periodização que o crítico posterior também adotará. A indagação sobre essa expressão e a relação entre Antonio Candido e Sílvio Romero contribui para evidenciar o caráter emergencial que marcou a redação do livro, entre as décadas de 1940 e 1950, quando o “sistema literário” que ele historia ameaçava se decompor em vista do momento histórico de aceleradas transformações culturais.*

Palavras-chave: *Antonio Candido, literatura brasileira, literatura como sistema, momento, nação.*

Um certo desconforto pode acometer quem interroga hoje um título tão conhecido quanto *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. Muita coisa está pressuposta aí. Desde logo, que existe ou existiu uma “literatura brasileira”. E que ela foi “formada”, que tomou “forma” – ao longo do tempo, como indica a palavra “momentos”. E que, entre estes, é possível destacar os mais importantes, “decisivos” para o resultado do processo.

Nenhuma dessas expressões é ingênua: Antonio Candido não deixou de procurar esclarecê-las, enquanto material teórico e conceitual de sua obra, partindo da distinção entre “literatura como sistema” e “manifestações literárias”.<sup>1</sup> Mesmo assim, independentemente da eficácia e da validade dessa elaboração, tem-se a impressão de que o título se impunha ao leitor de 1959 como uma idéia cabível por si só, que não fazia violência ao senso comum das pessoas instruídas.

Pelo menos era esta a expectativa do autor; do contrário, não lhe ocorreria a observação que fez, no rodapé, ao iniciar a teorização:

A leitura desta “Introdução” é dispensável a quem não se interesse por questões de orientação crítica, podendo o livro ser abordado diretamente pelo Capítulo I. [I, 23]

Estimava-se que o leitor não-especializado talvez preferisse “ir direto ao assunto” (como se diz), sem quebrar a continuidade entre o título e os “traços gerais” delineados no Capítulo I [I, 43-5].<sup>2</sup> Neles, a primeira frase reduz a “Introdução” pulada ao mínimo necessário para o salto, chamando a atenção do público para “o momento decisivo em que as manifestações literárias vão adquirir, no Brasil, características orgânicas de um sistema” [I, 43].

Antes de tudo, contava-se com a existência de leitores não-especializados bem dispostos para uma obra alentada e densa. No prefácio, por exemplo, menciona-se um certo “leitor médio”. Para este, os versos castelhanos, italianos e franceses seriam acessíveis sem tradução – mas não os latinos, nem os ingleses [I, 11]. Talvez fosse ele mesmo o alvo principal do livro que o autor diz ter sido encomendado por uma editora comercial, embora a entrega apresentasse “obra de natureza diversa” da encomenda, que previa algo “entre a divulgação séria e o compêndio” [I, 13].

Cinquenta anos depois, todas essas pressuposições se tornaram discutíveis. A começar pelo tema da nacionalidade literária. Quando o próprio conceito de “literatura” dá sinais de cansaço e perde a força de convencimento que adquiriu – vertiginosamente – logo após ser criado, entre finais do século XVIII e inícios do XIX, é inevitável que soe ainda mais abatido se até hoje lhe

1. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, v. 1, p. 23-25. De agora em diante, volume e páginas dessa obra serão citados entre parênteses.

2. Ver COSTA LIMA. Concepção de história literária na *Formação*.

fazem carregar nas costas o fardo de um qualificativo nacional, com o que ele termina apenso aos projetos cada vez mais desacreditados do Estado-nação.

A entrada em extinção do almejado “leitor médio” pode ser acrescentada às evidências do declínio do âmbito ético-discursivo (ou sistema?) dentro do qual ele seria organicamente “formado” (ou “cultivado”) através da leitura, como uma espécie de formatação da experiência, que lhe recompensava com “a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito” [I, 10]. A nação era o contexto mais imediato onde se experimentava essa formação, deixando-lhe o selo específico, sendo ela o espaço de cruzamento da língua e dos costumes com a história.

Um problema logo se levantava para o “povo novo”, colonizado ou recém-emancipado, que não dispusesse de um bom lastro de tradições literárias: como poderia o sistema malformado ou ainda informe ilustrar a *Bildung* desse sujeito? Antes da “rotina da formação”, era necessário proceder à “formação da rotina” – pode-se dizer, aproveitando uma expressão do próprio Antonio Candido [I, 191-224]. Impunha-se uma espécie de vida dupla ao leitor, enquanto tal:

Há literaturas de que um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade; outras, que só podem ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob pena de lhe restringirem irremediavelmente o horizonte. [I, 9]<sup>3</sup>

É claro que o argumento, aí, vale-se do recurso ao exagero – porque o âmbito nacional pressuposto admitia e recomendava doses variáveis de cosmopolitismo, o que incluía (como vimos) o conhecimento de línguas estrangeiras.

Se é possível entrar e sair de literaturas, então o que terá feito mais constantemente um crítico do porte de Antonio Candido, toda a sua vida? Por outro lado, parece bem certo que uma das agruras atuais da noção de “literatura brasileira” é o risco de ela, perdendo o apelo crítico, público, e confinada a uma outra rotina menos brilhante e mais clerical, acadêmica, tornar-se uma prisão guardada por um muro de notas de rodapé tão tediosas quanto previsíveis.<sup>4</sup> O que levaria, hoje, o especialista universitário em “literatura brasileira” a viajar para o “estrangeiro”?

3. Sobre essa passagem, ver BAPTISTA. O cânone como formação, p. 68-69.

4. Cf. <[www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br)>. Acesso em: out. 2011.

O mais importante a observar na afirmação citada, porém, é o pressuposto não-discutido que envolve a literatura e a nação num plano particular de espiritualidade, organizando domínios e fronteiras simbólicas, com suas respectivas alfândegas. Sob esse aspecto, Antonio Candido não se afasta da concepção desenvolvida pelos primeiros românticos alemães e difundida no início do século XIX por autores como a Madame de Staël e Sismonde de Sismondi.<sup>5</sup> Era um conceito europeu, cuja “aclimatação” na América só poderia ser problemática, sobretudo porque implicava a invenção de uma tradição, associada a um cânone de obras que se pudesse apontar como nacional. Compreende-se, nesse contexto, o objetivo que poderia levar o leitor latinoamericano a “sair” de sua literatura, ou seja, da literatura da sua nação: a necessidade ou o desejo de “receber cultura e enriquecer a sensibilidade”. O ideal ganhava sentido ao abrir-se para um horizonte de emancipação, de preferência irrestrito.

Assim, se a literatura própria não lhe garantia o sustento emancipatório, o indivíduo tinha de ir buscá-lo em outro sistema literário. Uma vez que o adquirisse, dava-se a oportunidade de introduzi-lo, a seu modo, no seu meio, como os estudantes lusobrasileiros que regressavam de Coimbra trazendo na bagagem as letras. Os que se tornassem escritores recapitulariam o desafio enfrentado pioneiramente – “decisivamente”, no vocabulário de Antonio Candido – por Cláudio Manuel da Costa, com a tentativa muitas vezes frustrada de “substabelecer aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego”.<sup>6</sup> Os demais se iriam somando até, pouco a pouco, através da interação com as obras literárias disponíveis, constituírem um público local.

Trata-se de um movimento dialético: o “processo formativo”, cujas dificuldades e avanços são a matéria narrada na *Formação*.<sup>7</sup> Em princípio, ele teria sido disparado nos meados do século XVIII pela “vontade de fazer *literatura* brasileira” [I, 25; grifo do autor]. Fica-se em dúvida sobre qual palavra deveria ser grifada: o substantivo ou o adjetivo? Este, afinal, é que qualifica aquele como sistema orgânico, articulado por escritores, obras e público – projeto que teria enfrentado primeiro a condição colonial e depois as incipiências da nacionalidade

5. Ver ASEGUINOLAZA. The European Horizon of Peninsular Literary Historiographical Discourses; e SHRODER. France / Roman – Romanesque – Romantique – Romantisme.

6. COSTA. *Obras*, p. xx.

7. Ver SCHWARZ. Os sete fôlegos de um livro.

recém-emancipada, até consumir-se no último quartel do século XIX. Os experimentos modernistas, no XX, já seriam tributários de uma história passada. Esta os tornava possíveis, ao mesmo tempo em que lhes apresentava uma tradição para ser demolida.

A constituição dessa tradição no Brasil, vista como um problema dialético de história literária, oscilando e se havendo consigo mesma entre universalidade e particularismo, modelos europeus e suas apropriações americanas, a condição colonial e a vida nacional – eis, em linhas bem gerais, a tese da *Formação*. Não é tanto uma “teoria da literatura brasileira”, como supõe um de seus críticos recentes.<sup>8</sup> Quem quiser aceitar que o seja terá antes de concordar com o próprio Antonio Candido em que seus antecessores oitocentistas também tivessem a sua “teoria da literatura brasileira” [II, 328-43]. Ou, mais genericamente, que uma “teoria da literatura” possa mesmo tingir-se de nacionalidade.

A contribuição de fato teórica do crítico é aquela que se vê esboçada com tanto comedimento na “Introdução” de sua obra, sobretudo quanto ao conceito de “literatura como sistema”, em contexto não-europeu, mas também com as noções nela escassamente problematizadas de “formação” e “momento decisivo”. São os aportes que têm sido incorporados por outros críticos, inclusive estrangeiros, como o uruguaio Ángel Rama, que em diferentes trabalhos recorreu a eles para manejar materiais alheios à literatura brasileira.<sup>9</sup>

Portanto, o arranjo teórico montado por Antonio Candido para estruturar sua visada historiográfica sobre a literatura brasileira não está ancorado numa suposta nação, e sim no problema da “aclimatação”. Não se distancia o crítico, assim, da metáfora vegetal das letras, lugar-comum da cultura letrada no lugar “não-comum” do Novo Mundo.<sup>10</sup> É principalmente neste sentido que se pode pesquisar as aproximações e os contrastes entre a *Formação e Raízes do Brasil*: em 1959, Antonio Candido abordava um enraizamento difícil no solo cultural brasileiro; em 1936, a questão de Sérgio Buarque de Holanda eram dificuldades de erradicação da “herança colonial” do país.<sup>11</sup>

8. BAPTISTA. O cânone como formação.

9. Ver, por exemplo, RAMA. Dez problemas para o romancista latino-americano.

10. Ver ALCIDES. O lugar não-comum e a república das letras.

11. HOLANDA. *Raízes do Brasil*. Ver também HOLANDA. A herança colonial – Sua desagregação.

Os dois livros também se aproximam por terem surgido em contextos de transformações aceleradas, nos quais o Brasil dava passos largos, mas sem que se soubesse ao certo a que tipo de modernidade se dirigia. Em meados da década de 1930, o modernista amadurecido reconhecia indiretamente a frustração dos projetos de 1922, quanto à assimilação da intelectualidade à cultura brasileira (e vice-versa): “somos ainda uns desterrados em nossa terra”.<sup>12</sup> Vinte anos depois, o horizonte confrontado por Antonio Candido era bem diferente, mas apenas aprofundava o problema. Num “panorama para estrangeiro” escrito entre 1953 e 1955, o crítico assim comentava os desdobramentos do modernismo nas duas décadas anteriores:

Formaram-se então novos laços entre escritor e público, com uma tendência crescente para a redução dos laços que antes o prendiam aos grupos restritos de diletantes e “conhecedores”. Mas este novo público, à medida que crescia, ia sendo rapidamente conquistado pelo grande desenvolvimento dos novos meios de comunicação. Viu-se então que no momento em que a literatura brasileira conseguia forjar uma certa tradição literária, criar um certo sistema expressivo que a ligava ao passado e abria caminhos para o futuro – neste momento as tradições literárias começavam a não mais funcionar como estimulante.<sup>13</sup>

Todo o vocabulário do seu clássico de 1959 aparece nesse trecho: formação, sistema, público, tradição, momento. O aporte teórico já estava esboçado, e aqui trabalhava em segredo, exercitando-se sobre outro período, no qual o autor também figura como personagem. A “dialética do local e do cosmopolita” que na *Formação* conjuga arcadismo e romantismo encontra aqui outras “fases culminantes”:

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945).<sup>14</sup>

Em contraste com a conclusão do clássico de 1959, porém, o resultado final aqui soava como a constatação de um grave deslizamento. O paradigma espiritual da “formação”, dentro do qual fazia sentido a idéia de “receber cultura”,

12. HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 3.

13. CANDIDO. *Literatura e cultura de 1900 a 1945*, p. 144.

14. CANDIDO. *Literatura e cultura de 1900 a 1945*, p. 149.

começava a ser removido da cena. Outro valor mais alto se alevantava com a indústria do entretenimento. Finalmente formada, a literatura brasileira parecia destinada ao desemprego.

“Não há dúvida”, dizia Antonio Candido no mesmo panorama, “que o presente momento é de relativa perplexidade”.<sup>15</sup> As razões alegadas não são desconhecidas do seu leitor do século XXI: “abuso de pesquisas formais”, “queda da qualidade média da produção”, “omissão da crítica militante”. É mais precisamente contra tal situação que se voltava o empenho da *Formação*. Dessa perspectiva, torna-se visível o caráter emergencial que o livro evita explicitar – e que termina disfarçado sob o descritivismo não-judicativo apontado nele por Luiz Costa Lima: “O distanciamento do historiador parece assegurado pelo tom descritivo”.<sup>16</sup>

Aos quarenta anos da *Formação*, o problema embrionário que o autor vislumbrara antes mesmo de publicá-la já se mostrava como um estado de coisas consumado: “No momento, o sistema literário nacional parece um repositório de forças em desagregação”, escreveu então Roberto Schwarz, um dos mais importantes tributários da obra de Antonio Candido.<sup>17</sup> Dois momentos, em 1955 e 1999: primeiro, a perplexidade; por fim, a melancolia. Nos termos de Schwarz, o paradoxal era que a literatura tivesse podido “atingir organicidade” sem que ocorresse o mesmo com a sociedade.<sup>18</sup> Era o “progresso à brasileira”, sempre parcial, conservador e excludente:

(...) a elite brasileira, na sua parte interessada em letras, pôde alcançar um grau considerável de organização mental, a ponto de produzir obras-primas, sem que isso signifique que a sociedade da qual esta mesma elite se beneficia chegue a um grau de civilidade apreciável. (...) O esforço de formação é menos *salvador* do que parecia, talvez porque a nação seja algo menos coeso do que a palavra faz imaginar.<sup>19</sup>

Com mais dez anos passados no mesmo sentido, já se torna mais fácil constatar que tampouco a elite será tão coesa assim. Sua parte interessada em letras hoje

15. CANDIDO. Literatura e cultura de 1900 a 1945, p. 149.

16. COSTA LIMA. Concepção de história literária na *Formação*, p. 157.

17. SCHWARZ. Os sete fôlegos de um livro, p. 58; grifo do autor.

18. SCHWARZ. Os sete fôlegos de um livro, p. 55.

19. SCHWARZ. Os sete fôlegos de um livro, p. 55.

mal se equilibra na classe média, e de jeito nenhum seria tratada como uma elite pelo gerente do banco que administra e taxa sua conta-salário. Por outro lado, sua parte interessada em finanças e bens de consumo luxuosos há muito tempo já perdeu qualquer pretensão de “receber cultura”: ela sabe que não precisa mais envenerizar-se para preservar seus privilégios e assegurar aceitabilidade social.

O “leitor médio” de 1959 bem poderia atualmente posar de erudito, versado em italiano e francês. Assim como o de hoje, com seu inglês de *shopping center*, seria visto há meio século como uma espécie rara de jeca-tatu de grife. Que significará, para esse contemporâneo, a palavra “formação”, além do curso superior que lhe deu seu duvidoso diploma? O esforço da *Formação* também pretendeu contribuir para que esse personagem não se generalizasse nos novos tempos.

Uma refinada percepção do presente talvez seja a característica mais distintiva de Antonio Candido como historiador – o que se evidencia, hoje, com tanta nitidez, para quem relê o “panorama para estrangeiro” da década de 1950. Portanto, não se pode compreender a *Formação* sem o enfoque momentâneo, sem contrapor seu plano à expectativa de um novo “momento decisivo” que revertesse uma tendência forte à desorganização dos esforços civilizadores acumulados, com o seu conseqüente desperdício. A primeira palavra do título tem sido bem interrogada por seus melhores intérpretes,<sup>20</sup> mas permanece entre parênteses a expressão final. Mas é ela que melhor esclarece o empenho específico do livro.

A justificativa poderia vir desta frase, que data de 1961:

(...) uma crítica como a dele só pode ser compreendida mediante interpretação que complete a investigação nos textos pela demonstração dos vínculos com o momento, em cuja dinâmica ele quis inserir o seu imenso esforço.<sup>21</sup>

Antonio Candido se refere aí a Sílvio Romero, objeto de sua tese universitária publicada em 1945 – ano em que o jovem crítico recebera a encomenda editorial da *Formação* [cf. I, 13]. Como historiadores, ambos os críticos coincidem na periodização que estabelece o começo de uma etapa nova em meados do século XVIII, mais especificamente com a partir das *Obras* de Cláudio Manuel da Costa,

20. Ver, sobretudo, ARANTES. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo.

21. CANDIDO. Prefácio da 2ª edição, p. 15.

de 1768. Diz Antonio Candido:

O momento decisivo em que as manifestações literárias vão adquirir, no Brasil, características orgânicas de um sistema é marcado por três correntes principais de gosto e pensamento: o Neoclassicismo, a Ilustração, o Arcadismo. [I, 43]

Já Romero inicia assim o Livro III de sua *História da literatura brasileira*, intitulado “Segunda época ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1830)”:

Tocamos o momento decisivo de nossa história: é o ponto culminante; é a fase de preparação do pensamento autônomo e da emancipação política.<sup>22</sup>

O aspecto *decisivo* desse momento fica explicado na continuação do trecho:

Qualquer que seja o destino futuro do Brasil, quaisquer que venham a ser os acidentes de sua jornada através dos séculos não será menos certo que às gerações que, nos oitenta anos de 1750 a 1830, pelejaram a nossa causa, devemos os melhores títulos que possuímos.<sup>23</sup>

Evidencia-se o pressuposto de um projeto comum, expresso com o pronome possessivo de uma primeira pessoa do singular hoje cada vez mais difícil de entender, por sua coesão tão improvável.

É impossível não recordar as palavras do próprio Antonio Candido, no prefácio à primeira edição da *Formação*, datado de 1957:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. [I, 10]

Ler as obras que compõem essa literatura “nossa”, tomando-as do esquecimento e do descaso de que se viam ameaçadas: eis o que faz o historiador e crítico,

22. ROMERO. *História da literatura brasileira*, vol. I, p. 211.

23. ROMERO. *História da literatura brasileira*, vol. I, p. 211.

enfeixando-as no quadro teórico que, naquele momento que lhe pareceu sem dúvida emergencial, não imaginou poder no futuro suscitar polêmica. Já no prefácio à 2ª edição, de 1962, ele se mostrava surpreso:

Ora, o presente livro é sobretudo um estudo de obras; a sua validade deve ser encarada em função do que traz ou deixa de trazer a este respeito. As idéias teóricas que encerra só aparecem como enquadramento para estudar as produções, e se ligam organicamente a esse desígnio. [I, 15]

No contexto, tal surpresa se liga à reação negativa de Afrânio Coutinho, que não aceitava a distinção entre “manifestações literárias” e “literatura como sistema”. Esta, para ele, estava ligada à “concepção crítico-histórica de Sílvio Romero (...) pela sua conceituação sociológica”.<sup>24</sup> Com a reedição de sua tese sobre o crítico sergipano, em 1962, Antonio Candido dava uma resposta indireta a Coutinho, procurando demarcar bem sua distância com relação a Romero:

Neste livro (...) procurei (...) sugerir uma crítica integrativa, superando os resquícios de Naturalismo, que ainda sobreviviam, e mostrando as limitações do ponto de vista sociológico, então em grande voga e ao qual eu próprio aderira, anos antes, ao começar a escrever.<sup>25</sup>

De fato, o “Prefácio à 2ª edição” da tese sobre Sílvio Romero explicita o equívoco que é reduzir a perspectiva de Antonio Candido a um enfoque meramente sociológico. Serviria como resposta não só a Coutinho, mas também alguns aspectos de críticas bem posteriores, sobretudo quando o vinculam sem matizes à mesma perspectiva nacionalista – por exemplo, pelo uso do intrigante “nós” apontado acima.<sup>26</sup> Afinal, em passagem nitidamente dirigida a Coutinho, ele condenava “o nacionalismo, por vezes deformante, que subordina a apreciação a critérios de funcionalidade”.<sup>27</sup>

24. COUTINHO. *Conceito de literatura brasileira*, p. 71.

25. CANDIDO. Prefácio da 2ª edição, p. 14.

26. Ver BAPTISTA. O cânone como formação, p. 70. Note-se, porém, a ironia com que Baptista se refere a Coutinho, “para quem (...) a nova literatura brasileira nasce pronta com Pero Vaz de Caminha”; idem, p. 64.

27. CANDIDO. Prefácio da 2ª edição, p. 13.

No entanto, a articulação do enquadramento proposto por Antonio Candido ainda deve ser interrogada a partir de sua relação com o exemplo de Romero, que tocou antes no mesmo “momento decisivo”. No crítico anterior, a expressão ainda está impregnada do determinismo de Hyppolyte Taine, com o qual ele se debatia. Raça, meio e momento, eis a tríade das “forças primordiais” postuladas pelo mestre francês, as “três fontes” que “contribuem para produzir esse estado moral elementar” que constitui as nações e determina as produções do espírito.<sup>28</sup> A parte específica do momento era ela mesma determinada pelas duas outras forças – a de dentro (racial) e a de fora (do meio). Estas “não operam sobre uma *tabula rasa*, mas numa superfície já marcada pelas pegadas”.<sup>29</sup> O momento é a “velocidade adquirida”,<sup>30</sup> o ritmo das pegadas no chão histórico. Que será então o “momento decisivo”? Uma quebra do andamento? Parada ou disparada? Em Romero como em Antonio Candido, talvez seja uma convergência dos passos que se voltam para a mesma direção. Mas, se na *Formação* esses passos são retratados em busca de um projeto coletivo, na *História* eles parecem arrastados pela coletividade latente desde muito antes.

Na sua crítica a Romero, Antonio Candido parece antecipar o desafio que passaria a enfrentar, na década e meia que tinha pela frente, ao redigir a *Formação*: conjugar a análise histórica e a “apreciação estética”, para a qual, segundo ele, Romero “não tinha pendor”.<sup>31</sup> O determinismo tainiano e outros, oriundos do naturalismo darwinista, contribuíram para impedir a Romero a prática de uma “história literária, concebida como disciplina autônoma”.<sup>32</sup> Para o jovem crítico, para “uma história especificamente literária”, seria preciso “estabelecer um *determinismo literário*” (grifo do autor), que procuraria estudar “as relações de proveniência, coexistência e repercussão das obras do pensamento e da sensibilidade umas em relação às outras” e terminaria “pelo estudo da situação da obra no tempo”.<sup>33</sup> Era o primeiro rascunho da concepção da literatura como sistema passível

28. TAINÉ. *Histoire de la littérature anglaise*, vol. 1, p. xxii-xxiii.

29. TAINÉ. *Histoire de la littérature anglaise*, vol. 1, p. xxviii.

30. TAINÉ. *Histoire de la littérature anglaise*, vol. 1, p. xxviii.

31. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 187.

32. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 186.

33. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 191.

de abordagem historiográfica, exposto com outras expressões depois abandonadas, e faltando a exposição de sua própria tríade (escritores/tradição/público) [I, 23].

Quanto à “situação da obra no tempo”, com a pesquisa de sua inscrição no momento, o pressuposto compartilhado com Romero de uma ligação entre a literatura e a nacionalidade punha a *Formação* sobre uma linha teleológica, tendo por fim a consumação desse vínculo expressa nas obras. Esse risco é atenuado sobretudo pela proposta apresentada desde o início de “uma história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” [I, 25].<sup>34</sup> Outro freio para o finalismo historiográfico se buscou no necessário “pendor para integrar contradições” [I, 31].

O que se oculta no enquadramento assim formulado é sua própria história, seu próprio momento. A percepção dos deslizamentos culturais da década de 1950 despertou para o projeto um empenho emergencial – na circunstância que se viu desenhada como um momento (decisivo?) de perplexidade, no “panorama para estrangeiro” redigido a meio caminho entre a tese de 1945 e a história de 1959. Também vale para Antonio Candido, afinal, algo do que ele próprio escreveu sobre Romero, que “sentia agudamente a instabilidade social do seu momento e a irrupção dos novos fatores de recomposição do equilíbrio coletivo”.<sup>35</sup>

Meio século depois, quando o nacional na literatura se acha fora de foco, ainda mais se consideramos o desenvolvimento acelerado dos processos que Antonio Candido sentiu nos começos, na década de 1950, o travejamento interno da *Formação* parece perder o *sentido*, a direção emergencial, momentânea, que atuou nele. Restam os vários capítulos magistrais, incontornáveis para quem quer que estude os temas abordados pelo autor, como uma herança dispersa do projeto original. O que ficou de fora – “sequestrado”, para quem quiser aderir ao ângulo de Haroldo de Campos – terá sido sacrificado ao espírito integrador determinado pela emergência do momento. “A idéia de sistema está subordinada ao primado da coesão”, observa Costa Lima.<sup>36</sup> Ironicamente, tratava-se na verdade de uma coesão desmanchando.

Do ponto de vista dos escritores, contudo, não necessariamente o desmanche aparecerá como uma catástrofe histórica, nem como o lamentável

34. Candido parafraseia aí, explicitamente, o título de uma obra de Julien Benda, *Esquisse d'une histoire des français dans leur volonté d'être une nation* (Paris: Gallimard, 1932).

35. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 218.

36. COSTA LIMA. Concepção de história literária na *Formação*, p. 162.

desperdício de um esforço coletivo. O próprio Roberto Schwarz relata a posição tomada por um escritor:

Outro dia, um amigo ficcionista e crítico me explicava que o âmbito formativo para ele já não tinha sentido. Os seus modelos literários lhe vinham de toda parte: da França, dos Estados Unidos, da Argentina, a mesmo título que do Brasil.<sup>37</sup>

Antes que se possa comemorar esse cosmopolitismo sem nenhum travor, o crítico duvida da existência de uma “ordem de liberdade e de cidadania no mundo” que o pudesse acolher. A questão permanece em aberto, neste momento, permitindo a continuidade da dialética entre o local e o cosmopolita desprendida da confiança quanto à possibilidade de a nação organizada em estado realizar, por si só, um âmbito particular, ou sistema, alternativo a essa ordem inexistente no mundo. Neste ponto do velho *continuum*, a coesão não prima. A oportunidade talvez estimule o fundo insubordinável da literatura, não-integrável, como sua única via de existência contemporânea.

### Momentariness in the ‘Formação’

Abstract: From the title of the classic book of literary history published by Antonio Candido in 1959, the first word – ‘formation’ – has been the object of constant scrutiny. Much less attention is given to the words between parenthesis: ‘decisive moments’. They are also present in Sílvio Romero’s *História da literatura brasileira*, depicting as a ‘decisive moment’ precisely the mid-18th Century – according to the same periodisation that Antonio Candido was to follow. The investigation of such a phrasing contributes to make evident the character of emergence that distinguished the moment in which the book was written, in the decades of 1940 and 1950, when the ‘literary system’ whose history it would tell seemed to be at risk of dismantling by force of speeding cultural changes.

Keywords: *Antonio Candido, Brazilian literature, literature as a system, moment, nation*

37. SCHWARZ. Os sete fôlegos de um livro, p. 58.

Referências

- ALCIDES, Sérgio. O lugar não-comum e a república das letras. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 44, p. 38-50, jul.-dez. 2008.
- ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, P.; ARANTES, O. B. F. *Sentido da 'Formação'*. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 7-66.
- ASEGUINOLAZA, Fernando Cabo. The European Horizon of Peninsular Literary Historiographical Discourses. In: ASEGUINOLAZA, F. C.; GONZÁLEZ, A. A.; DOMÍNGUEZ, César (Org.). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2010. v. 1, p. 1-52.
- BAPTISTA, Abel Barros. O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido. In: *O livro agreste*. Ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p. 41-80.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1969. 2 vols.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiro). In: *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. p. 117-145.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio da 2ª edição. In: *O método crítico de Sílvio Romero*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 9-16.
- COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras de... Arcade Ultramarino, chamado Glauceste Satúrnio*. Coimbra: Luís Secco Ferreira, 1768.
- COSTA LIMA, Luiz. Concepção de história literária na *Formação*. In: *Pensando nos trópicos*. Dispersa demanda II. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 149-166.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. A herança colonial – Sua desagregação. In: HOLANDA, S. B. de (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1960. Tomo II, v. 1, p. 9-39.
- RAMA, Ángel. Dez problemas para o romancista latino-americano. In: AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. G. T. (Org.). *Ángel Rama*. Literatura e cultura na América Latina. Trad. R. La Corte dos Santos e E. Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001. p. 47-110.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888. 2 v.
- SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 46-58.
- SHRODER, Maurice. France / Roman – Romanesque – Romantique – Romantisme. In: EICHNER, H. (Org.). *'Romantic' and its Cognates. The European History of a Word*. Manchester: Manchester UP, 1972. p. 263-292.
- TAINÉ, Hippolyte. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette, 1863. 4 v.